

Esta investigação é um recorte de uma pesquisa maior intitulada “Finitude, velhice e cuidados ao fim da vida” que objetiva revisar a literatura existente sobre os Cuidados Paliativos (CPs) com foco em idosos. Dentro desta temática, a pesquisa aqui apresentada analisa especificamente a literatura relacionada aos aspectos de alimentação no contexto dos Cps. Para tanto, realizamos buscas no portal BIREME, pois este abrange também os bancos de dados LILACS e SCIELO, utilizamos como descritor Cuidados Paliativos e Terapia Nutricional e selecionamos apenas artigos publicados em português, com texto integral.

A partir da análise da literatura, foram confrontados dois discursos a respeito da alimentação, um relacionado aos cuidados nutricionais de pacientes inseridos nos CPs e outro promovido nas salas de aula dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Na literatura sobre Terapia Nutricional nos CPs, a questão do alimentar ou não e de que forma, assume uma posição delicada, pois o corpo a ser nutrido, muitas vezes, não tolera determinados alimentos, normalmente benéficos à maioria dos indivíduos. Além disso, pode ter dificuldades no próprio processo de ingerir alimentos, exigindo outras formas, muitas vezes desagradáveis, como nutrição enteral (sonda gástrica) e nutrição parenteral (sonda venosa). Outra questão é que os aspectos sociais – se alimentar juntos – e culturais – sabor, gosto da comida – geralmente ficam negligenciados.

O como nutrir é uma decisão importante de ser tomada, pois esta poderá ir contra os conceitos dos CPs e ocasionar mais sofrimento ao paciente. Em alguns casos, um procedimento invasivo, como uma cirurgia pode proporcionar maior benefício, prazer e satisfação ao paciente, em outros, a decisão de não nutrir pode ser a mais adequada. Neste ponto entra o conflito com os discursos nutricionais escolares, em que se defende a ideia de alimentar-se é importante, que para sermos saudáveis e sentirmo-nos bem devemos ter uma alimentação rica em fibras, beber muita água e uma porção de outras informações que estamos acostumados a ouvir. Enquanto com os pacientes terminais não valem as mesmas regras. Comer muita fibra pode gerar prisão de ventre e tornar-se um caso mais grave e beber pode gerar desconfortos e o contrário da prisão de ventre. Haverá alimentos que não serão mais digeríveis pelo corpo debilitado e que deverão ser administrados em pequenas doses ou extintos do cardápio. O paciente pode, ainda, recusar-se a alimentação, por não desejar prolongar o sofrimento ao qual é acometido.

Quando o(s) familiar(es) de um paciente dos Cuidados Paliativos deve(m) decidir qual a melhor maneira de alimentar seu ente pode haver conflito quanto a decisão correta a tomar, pois neste caso as orientações divergem das tradicionais e abstrair do que conhecemos não é simples e o nutrir ou não e de que forma, torna-se uma questão ética.

Desta forma, a pesquisa aponta para desafios e possíveis conflitos em relação a decisões de alimentação nos CPs, exigindo diálogos abertos entre profissionais da saúde, pacientes em fase final da vida e familiares.